



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO EM NÍVEL DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM CULTURAS E HISTÓRIA AFRO-  
BRASILEIRA, INDÍGENA E AFRICANA.**

**IDENTIDADE NEGRA NAS TURMAS DE 9º ANOS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MARIA AUGUSTA  
RUSSO DOS SANTOS EM REDENÇÃO – CE**

**SILVÂNIA MARIA DE SOUSA COSTA ALMEIDA**

**REDENÇÃO – CE**

**FEVEREIRO – 2013**



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO EM NÍVEL DE  
ESPECIALIZAÇÃO EM CULTURAS E HISTÓRIA AFRO-  
BRASILEIRA, INDÍGENA E AFRICANA.**

**IDENTIDADE NEGRA NAS TURMAS DE 9º ANOS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MARIA AUGUSTA  
RUSSO DOS SANTOS EM REDENÇÃO – CE**

Monografia apresentada como exigência do  
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em nível  
de Especialização em Culturas e História Afro-  
Brasileira, Indígena e Africana para obtenção  
do título de especialista sob orientação da  
Professora Dr<sup>a</sup> Vera Rodrigues.

**ACARAPE - CE**

**2013**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira**  
**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)**  
**Biblioteca Setorial Campus Liberdade**  
**Catálogo na fonte**  
**Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170**

A444i Almeida, Silvânia Maria de Sousa Costa.

Identidade negra nas turmas de 9º anos do Ensino Fundamental na Escola Maria Augusta Russo dos Santos em Redenção - CE /Silvânia Maria de Sousa Costa Almeida. Redenção, 2014.

44 f.; 30 cm.

Monografia do curso de Especialização em Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Indígena e Africana da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Rodrigues.  
Inclui referências bibliográficas.

1. Negros Identidade racial 2. Ensino fundamental 3. Racismo. 4. Discriminação na educação. I. Título.

CDD 960

Monografia apresentada como exigência do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Especialização em Culturas e História Afro-Brasileira, Indígena e Africana para obtenção do título de especialista sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Vera Rodrigues.

---

Silvânia Maria de Sousa Costa Almeida

MONOGRAFIA APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Vera Rodrigues (Orientadora)

---

Prof. Dr. Bruno Okoudowa

---

Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio

---

Prof. Dr. Lourenço Ocuni Ca (Coordenador do Curso)

Insistimos em trilhar pelo caminho dos erros em busca de uma identidade, em busca de um conceito de negro, muito mais consistente que o pardo, o sem cor. Aqui a desobediência tem cor, e ela é negra. (SILVA, 1987, P.151).

## **DEDICATÓRIA**

A meus Filhos **JOÃO PAZ DE ALMEIDA NETO** e **MATHEUS COSTA ALMEIDA** pelo amor, carinho e paciência a mim dedicados nos momentos difíceis que surgiram ao longo do meu curso e, que, mesmo assim souberam compreender minha ausência, incentivando-me a dar continuidade aos meus estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

A **DEUS** pela sua infinita bondade e cuidado que dispensou em todos os anos de minha vida. Sem **ELE** não teria sido possível a realização deste trabalho e de todos os outros que realizei.

A minha **FAMÍLIA**. Obrigada pela torcida e incentivo.

Ao meu **ESPOSO** e aos meus **FILHOS**, pela compreensão e apoio demonstrado durante a pesquisa;

A meus pais **FRANCISCO MAIA COSTA E MARIA HÉLIA SOUSA COSTA** pelo seu amor incondicional.

## RESUMO

Este trabalho monográfico cujo tema é Identidade Negra no Ensino Fundamental tem o propósito de abordar a presença do negro nas salas de aulas dos 9º anos, na Escola do Ensino Fundamental Maria Augusta Russo dos Santos, na cidade de Redenção-Ce e discutir sobre a identidade afro-brasileira na sociedade redencionista e como essa identidade é tratada em um país que nega o preconceito racial, mas, trata o negro com discriminação e com palavras depreciativas. A identidade negra está presente em todas as camadas da sociedade e isso deveria ser motivo de orgulho, pois os africanos escravizados contribuíram para a construção da história brasileira, e, mais especificamente, da história redencionista, pois, esta foi a primeira cidade cearense a libertar seus escravos. A Democracia Racial é um mito criado pela elite para camuflar o racismo brasileiro. Isso faz com que o afro-brasileiro tenha dificuldade em conquistar o seu espaço na sociedade dos brancos. No entanto, hoje temos algumas instituições que tentam defender os direitos dos negros, como a escola, as universidades e contamos ainda com o movimento negro, que está se fortalecendo a cada dia. As ações afirmativas já começam a formar uma consciência crítica e reparadora nos brasileiros, à medida que buscam valorizar a cultura negra no país. Também aborda a questão que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, discorrendo sobre os problemas para sua aplicação, especialmente os relacionados à falta de formação dos professores para trabalharem estes temas. Vale ressaltar que os professores da escola onde a autora desse trabalho leciona estão preparados para trabalharem esse mote com responsabilidade, estimulando o respeito às diferenças e contribuindo para acabar com o racismo, discriminação e preconceito no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Identidade Negra; Escola; História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; Discriminação racial;

## ABSTRACT

This monograph whose theme is Black Identity in Elementary Education aims to address the presence of black in the classrooms of 9 years, the School of Basic Education Maria Augusta Russo dos Santos, in the town of Redemption - Ce and discuss the identity african - Brazilian redencionista in society and how this identity is treated in a country that denies racial prejudice, but the black comes with discrimination and derogatory words. Black identity is present in all layers of society and it should be proud because enslaved Africans contributed to the construction of Brazilian history, and more specifically, the redencionista history, because this was the first city to release Ceará their slaves. Racial Democracy is a myth created by the elite to camouflage Brazilian racism. This makes the African -Brazilian has difficulty in securing its place in white society. However, today we have some institutions that try to defend the rights of blacks, such as school, university and still rely on the black movement that is growing stronger every day. Affirmative action have begun to develop a critical awareness and repairing the Brazilians, as they seek to enhance the black culture in the country. Also addresses the issue establishing the compulsory teaching of History and Afro - Brazilian and African in Basic Education, discussing the problems for your application, especially those related to the lack of training of teachers to work these issues. It is noteworthy that the teachers of the school where the author teaches this work are prepared to work this issue responsibly, encouraging respect for differences and helping to end racism, discrimination and prejudice in the school environment. Here is also mentioned names of blacks who lived and studied in full criminal slavery and have excelled in architecture, engineering, politics, journalism and other areas.

Keywords: Black Identity; School, History and culture Afro - Brazilian and African; Racial discrimination.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>1 IDENTIDADE NEGRA .....</b>	<b>12</b>
1.1 Enfrentando o preconceito.....	12
1.2 Identidade.....	16
1.3 Negros famosos que se destacaram nas diversas áreas do conhecimento .....	18
2. RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE PRECONCEITO VIVENCIADA PELA AUTORA EM UMA SALA DE 9º ANO .....	22
2.1 Atividade de integração entre alunos redencionistas e africanos .....	24
2.2. Diferenciando a cultura negra da cultura africana.....	27
2.3 O papel do professor na escola .....	28
3. A UNILAB E A TOMADA DE CONSCÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ÁFRICA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA BRASILEIRA.....	30
3.1 Os educadores redencionistas na desconstrução do racismo, preconceito e discriminação.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico aborda como a identidade negra se manifesta nas salas de aula dos 9º anos, turnos manhã e tarde, na Escola do Ensino Fundamental Maria Augusta Russo dos Santos, na cidade de Redenção-Ce. Essa identidade se apresenta de uma forma bem acentuada. Também apresenta algumas reflexões acerca do preconceito, racismo e discriminação presentes nas salas de aulas e em nossa sociedade.

Pode-se definir identidade como a consciência que cada pessoa tem de si própria, da comunidade da qual faz parte, da classe social a que pertence, do grupo de raça/gênero que representa, e do país em que vive. No entendimento de Silva (1998) e Silva e Monteiro (2000), “Essa consciência é elaborada na vida, no dia-a-dia, sendo significada e dando significado às relações estabelecidas entre as pessoas, e entre essas e o meio no qual se inserem”.

Dessa forma identidade diz respeito à maneira como cada um se comporta na sala de aula, como se relaciona com os colegas e professores e como se veem como seres humanos.

Nas palavras de Taylor (1992), identidade é:

formada em ligação direta pelo reconhecimento ou não, que os outros, não pertencentes ao mesmo grupo étnico-racial, social e de gênero, têm de nós. Dizendo de outra forma, a percepção positiva ou negativa que outras pessoas fazem de cada um de nós influencia de forma marcante a maneira como nos percebemos e percebemos os grupos a que pertencemos (p. 32).

Concordamos com Taylor quando ele fala que a percepção que os outros têm de nós, tanto positiva quanto negativa influencia bastante a maneira como nos vemos e vemos os grupos a que pertencemos.

De acordo com o mesmo autor, “o desconhecimento e o tratamento dado às pessoas com base em preconceitos geram discriminações, causam sofrimento aos rejeitados, minimizados. “o desconhecimento e o tratamento dado às pessoas com base em preconceitos geram discriminações, causam sofrimento aos rejeitados, minimizados”.

Podemos dizer que, na relação com os familiares, a comunidade, os amigos e desafetos e tudo o que rodeia as pessoas, leva a uma identidade pessoal que diferencia cada um dos

demais, mas que está fortemente conectada com o grupo étnico-racial e a outros a que pertence.

Percebemos que a identidade é, por um lado, o peculiar de cada um e também, o que os identifica com grupos étnico-raciais, de classe social, e de gênero, entre outros. A identidade é uma construção da própria pessoa, mas não do indivíduo isolado, pois acontece no convívio com os outros, fazendo deles seu ponto de partida e sua referência (SILVA, 1987, p. 142).

Compreendemos assim, que identidade é algo muito importante para cada pessoa na construção de si próprio e na convivência com seus semelhantes, pois são estes que os norteiam em suas atitudes de autoafirmação.

Este trabalho está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo aborda sobre a identidade negra; enfrentando o preconceito; identidade e sobre os negros famosos que se destacaram nas diversas áreas do conhecimento.

No segundo capítulo faz um relato de uma experiência de preconceito vivenciado pela autora da monografia, na sala do 9º ano A; fala de uma atividade envolvendo os acadêmicos africanos e os alunos redencionistas num intercâmbio de informações sobre o país de cada um e sobre a cidade de Redenção; difere a cultura africana da cultura brasileira e fala sobre o papel do professor na escola.

No terceiro capítulo discorre sobre A UNILAB e a tomada de consciência sobre a importância da África na construção da história brasileira e os educadores redencionistas na desconstrução do racismo, preconceito e discriminação.

# 1. IDENTIDADE NEGRA

## 1.1 ENFRENTANDO O PRECONCEITO

Sabemos que o preconceito existe e estar espalhado nas diversas camadas da sociedade brasileira e, neste capítulo, abordar-se-á a cidade de Redenção-Ce, cidade que é conhecida na história brasileira, como a primeira cidade do Ceará a libertar seus escravos; após ter transcorrido mais de cem anos desse fato, não era mais para existir preconceito.

Em pleno século XXI, diante do nível de preconceito que se observa no cotidiano redencionista e, mais especificamente nas escolas, os professores redencionista estão tomando consciência da importância de trabalhar com o propósito de desconstruir o preconceito, racismo e discriminação que ainda existe nessa sociedade e particularmente, a autora desse trabalho, que tem sob sua responsabilidade as turmas dos 9º anos, dos turnos manhã e tarde, da Escola de Ensino Fundamental Maria Augusta Russo dos Santos, na mesma cidade, está engajada com o processo ensino aprendizagem dos referidos alunos e na luta pela desconstrução desses sentimentos negativos.

É nas salas de aula que acontece o processo ensino aprendizagem e é lá também que se estabelecem laços de amizade, afinidades ou rivalidades, despeito, discriminação e preconceito por parte de alguns. A sala de aula é o espaço ideal para refletir sobre identidade negra e tudo que se refere ao assunto.

A responsabilidade que pesa sobre a escola, juntamente com o corpo docente e demais funcionários é enorme, pois todos devem estar de mãos dadas, unidos em prol de uma boa aprendizagem e de uma boa educação. Dessa forma é preciso unir forças para que esse objetivo seja atingido.

Em relação à identidade do negro na sala de aula, essa é uma realidade bem presente, pois eles estão inseridos em várias camadas da sociedade, seja no estudo, no trabalho, no lazer, nas artes, nos esportes, na dança, enfim, hoje eles ocupam um maior espaço na sociedade redencionista, principalmente depois que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB começou a funcionar na cidade de Redenção, abrindo as portas para receber os alunos oriundos da África, num intercâmbio de culturas afro-brasileira.

É verdade que nas escolas de nosso País, e, mais especificamente na Escola Maria Augusta Russo dos Santos, na cidade de Redenção-Ce, há uma grande parcela de jovens negros frequentando o ensino fundamental e que, muitos são bem aceitos pelos colegas brancos e juntos estabelecem um ótimo relacionamento.

Com o surgimento de novas tecnologias e o aparecimento do facebook, Twitter e outras redes sociais ficou mais fácil a comunicação e a troca de mensagens, onde se formam novas amizades, se dizem algumas verdades, se espalham fofocas e se estreitam laços de amizades. A prova disso são as discussões que aparecem na sala de aula decorrentes das postagens feitas no dia anterior.

Quando é postada alguma mensagem de autoestima para alguém especial, no dia seguinte, ouvem-se os comentários entre os colegas virtuais; o mesmo acontece quando digitam alguma coisa com fofocas ou piadinhas. Neste caso, é necessária a interferência do professor para acalmar os ânimos.

Para falar sobre o uso da tecnologia na educação, contamos com Bortolozzo (2008), que nos fala: “além da informação proporciona a comunicação e a interação entre todos e é importante lembrar que a expansão dos espaços de aprendizagem pode se dar além dos continentes”.

Realmente, isso é verdade, pois, atualmente temos ferramentas avançadas que nos permitem usufruir de uma tecnologia inovadora, principalmente no setor educacional onde a comunicação se faz de forma mais moderna levando informações a todo lugar do planeta e fazendo a interação entre os países num intercâmbio de culturas e aprendizagens.

Sobre esse assunto, Libaneo (2009) aponta que:

[...] a presença do professor é indispensável para a criação das condições cognitivas e afetivas que ajudarão o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multimídias e formas variadas de intervenção educativa urbana. O valor da aprendizagem escolar está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais providas pelo professor. E a escola, concebida como espaço de síntese, estaria contribuindo efetivamente para uma educação básica de qualidade: formação geral e preparação para o uso da tecnologia, desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, formação para o exercício da cidadania crítica, formação ética. ( p.12).

De acordo com o autor, é imprescindível a figura do professor para auxiliar os alunos na compreensão das mensagens e informações recebidas através das ferramentas tecnológicas, como a mídia, a multimídia e as diversas formas de interação educativa. O professor é o mediador; aquele responsável em despertar no aluno o desejo de aprender, de desenvolver as suas diversas habilidades. Em relação à escola, considerada como sítio de aprendizagem é a responsável por uma educação básica de qualidade, se preocupando com os vários aspectos que envolvem o uso da tecnologia.

Como sabemos, a escola é um espaço de múltiplas utilidades. É o ambiente propício para se formar laços de amizade e se preparar para enfrentar a vida no dia-a-dia. É também na escola, onde temos a oportunidade de estudar as mais variadas disciplinas, assimilarmos sobre valores, crenças e hábitos; bem como aprender a desconstruir preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade, etc.

A identidade negra está espalhada por toda parte, seja na sociedade brasileira, seja na cearense ou redencionista. Aonde formos ela estará sempre presente, fruto da miscigenação das três raças: branco, negro e índio. Não adianta querer negar essa presença, pois ela é uma forte influência na construção da história brasileira. Devemos sim, nos orgulhar por ter herdado muitas coisas da cultura africana e um legado muito grande em relação à dança, à religiosidade, às comidas típicas, à música, a ciência e tecnologia, etc.

Vale observar o que Souza (2004, p.45), nos fala sobre a presença dos africanos em nosso país:

Devemos lembrar que a presença dos africanos no nosso país, trazidos para cá contra a sua vontade, separados de suas famílias, parentes e amigos e postos longe de sua terra, é um dado histórico carregado de dramas e de dor, sem dúvida. Mas o impulso de vida, o brilho de seu espírito, a história que trouxeram com eles, sua cultura, seus saberes e conhecimentos técnicos também fizeram deles uma força de caráter civilizatório.

Para traduzir todo esse brilho espiritual dos africanos podemos citar a música “Ao Povo em Forma de Arte” de Wilson Moreira e Nei Lopes (1978, p. 38). Nesta canção eles retratam de forma bem clara a cultura africana e o legado herdado pelos brasileiros:

O modo africano de ser/viver/conhecer/saber perpassa toda a cultura nacional, só que isso é camuflado e muitos de nós não sabemos. Nossa formação escolar dizia que dos africano-negros aprendemos sobre culinária, danças (...). Hoje podemos dizer que essa influência está na ciência (que até pouco tempo era considerada um

legado exclusivo dos portugueses), nos modos de curar doenças, na engenharia, nos modos de construir, na arquitetura, na estética, na culinária e – por que não? – na religiosidade, nas manifestações culturais e artísticas, na nossa brasilidade. Para valorizar e compreender todo esse legado, precisamos mais uma vez acionar nossos corpos, nossos sentidos e ver que esse modo africano de aprender envolve as pessoas na sua integralidade. Não se aprende só com a cabeça, mas com o coração, a cabeça, os olhos, ouvidos, braços e pernas, com o nariz e com o corpo todo, que precisa do presente para acionar o passado e construir o presente e o futuro.

Os africanos foram ótimos professores, pois, ao chegarem a terras brasileiras, ensinaram aos seus habitantes, muitas coisas importantes para a sobrevivência e o crescimento desse povo. Com seu talento e disposição foram capazes de realizarem muitas criações a partir de sua capacidade de aprendizado. Diversas atividades foram desempenhadas por eles como artífices, construtores, cirurgiões-barbeiros, cozinheiras; agricultores; trouxeram plantas novas, utilizadas até hoje como alimento e remédio, e também descobriam diversas formas de cultivar a terra.

Vejamos o que Sousa (2004), nos fala sobre os afros descendentes:

Entre esses escravizados havia artistas e músicos com novos instrumentos, ritmos e movimentos que encheram nossa terra de cores e sons – que hoje são tão nossos tão brasileiros. E suas línguas modificaram o português, fazendo deste uma língua mais melodiosa, levando-o pelo território, introduzindo palavras e tonalidades. E também trouxeram novas maneiras de se comportar nas relações familiares, de se relacionar com o sagrado, novos modos de celebrar e de se ligar aos antepassados, ou seja, posturas diante da vida e da morte. Todos esses conteúdos permearam a sociedade brasileira, transformaram-se e a transformaram. Por isso, hoje todos somos herdeiros dessas culturas (p. 45).

Por isso deve-se valorizar essa herança cultural e trabalhar para mudar a visão deturpada que algumas pessoas ainda possuem dos afros descendentes, conscientizando-as desse sentimento negativo que degrada essas pessoas, fazendo-as ver que preconceito, racismo e discriminação, são atitudes impresumíveis que os fazem sofrer e que atingem a sua autoestima. Em relação às escolas brasileiras, ainda são praticadas esses tipos de ações desprezíveis, que causam sofrimento a uma parcela significativa de alunos negros.

Diante dessa realidade, providências devem ser tomadas para combatê-los. É fundamental que os professores comecem a mudar sua prática pedagógica, iniciando por incluir em seu planejamento os temas sobre gênero, raça, etnia e sexualidade, trabalhando a conscientização e o respeito para com essas questões, a fim de que seja garantida uma

educação e aprendizagem de qualidade para todos os alunos do sistema educacional de ensino.

## 1.2 IDENTIDADE

A identidade é um dos elementos mais importantes no processo de constituição social do sujeito, pois devido não ser inata, se constrói em determinado contexto histórico e cultural e está relacionada aos referenciais coletivos de inclusão a um grupo, aos usos sociais das formas de reconhecimento e aos processos culturais de construção simbólica.

É preciso entender como acontece o processo da construção da identidade do afro-brasileiro, para compreender que a identidade de um determinado grupo social deve ser reconhecida para que este possa ter acesso aos direitos individuais e coletivos específicos. Cunha Jr. (2005), observa que “os direitos sociais são regidos e reconhecidos pela via das identidades sociais”.

O mesmo autor ainda fala que:

*O quem sou, deve estar inserido na sociedade em que coabitamos daí muitas pessoas negras não se sentem negras. Buscamos ser aceitos; para isso, não queremos ser diferentes. Tentamos uma igualdade e vemos o branco como a maioria, isso porque muitos afrodescendentes se veem como brancos, segundo suas concepções apresentam mais características brancas do que negras. O que sou está também intimamente ligada à sociedade e à classe social. Seguimos determinadas regras e normas a fim de sermos aceitos e inseridos em determinados grupos, isso implica muitas vezes em renunciarmos nossas reais características e raízes. Assim, passamos a assumir características de europeus, isso acontece com a maioria dos afrodescendentes, os quais tomam para si algo que não lhes pertence como meio de fazerem parte da chamada sociedade branca (p.120).*

Essas atitudes demonstram o receio que os afrodescendentes possuem de serem rejeitados por uma sociedade que se diz não racista, mas, suas ações traem os seus dizeres. Dessa forma, é bem mais fácil para eles se veem como brancos e procurarem ser aceitos e inseridos em determinados grupos do que enfrentarem o preconceito das pessoas.

Para Cunha Jr. (2005) “a identidade negra ou afrodescendente é definida a partir das experiências sociais passadas pelos povos originários da África e pelos seus descendentes”.

Conforme Ferreira (2000) é muito comum a pessoa, principalmente no caso do mestiço, com características negroides leves e com posição social elevada ser considerado branco.

Nas palavras de Nogueira (2005, p. 121):

a distinção entre preconceito racial de marca e de origem é essencial. No caso brasileiro, é o preconceito racial de marca, isto é, aquele vinculado à aparência física, manifestações gestuais, etc., que permite, em função do grau de mestiçagem, de indivíduo para indivíduo, decidir a sua inclusão na categoria de negro. Isto é o que se torna impossível frente ao preconceito racial de origem vivido nos Estados Unidos, segundo o qual a definição étnica está dada pela hereditariedade, independente do fato de o indivíduo trazer ou não traços do fenótipo negro.

Sobre esse assunto, Silva (1998) nos fala que a relação entre cor e classe social se manifesta no fenômeno do branqueamento como medida de identificação.

Agregando os conteúdos da condição socioeconômica e as características “raciais”, o conceito indica que uma boa parte da sociedade brasileira faz com que os termos preto e pobre sejam quase sinônimos. Isso graças à mobilidade que o preconceito de marca possibilita e as profundas desigualdades econômicas e sociais em que se encontra a maioria da população negra em nosso país. Dessa forma, quanto melhor socialmente está o indivíduo, mais branco ele se considera, e é considerado, em contrapartida, mais preto, quanto mais pobre se encontra socialmente (p. 121).

Quando se fala em sistema de classificação de cor no Brasil observa-se que há uma confusão sobre esse aspecto. O IBGE utiliza as categorias brancas, pretas e amarelas, enquanto Darcy Ribeiro (1995), adota uma classificação bem corriqueira: as categorias negro, branco e índio. Já o Movimento Negro simplifica utilizando as categorias negro e branco e o MEC, através do censo escolar, usa a classificação branco, preto, moreno, pardo, indígena e amarelo.

Vemos assim, que a ausência de uma concordância em relação a essa classificação gera dificuldades para a construção de uma identidade do afro-brasileiro. Percebe-se que a construção da identidade negra é um processo bastante complicado, pois possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, sendo que, estão conectadas e se constroem na vida social. Tal construção se dá ao longo da vida do indivíduo, principalmente na família.

Os contatos primários têm uma forte base emotiva, pois as pessoas envolvidas dividem suas experiências individuais, causando, portanto, uma forte influência no processo de construção da identidade negra.

Gomes (2005) afirma que a identidade negra é entendida, como uma construção social, histórica, cultural e plural, enquanto Ferreira (2000), diz que a categoria identidade é uma referência em torno da qual o indivíduo se auto reconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída a partir de sua relação com o outro.

Não podemos deixar de lado a participação dos movimentos negros no reconhecimento da existência do preconceito racial no Brasil. Os debates sobre a situação social do negro e a existência do preconceito de cor faziam parte das preocupações das diversas organizações negras que surgiram no início do século XX.

A presença do Movimento Negro, nessa tarefa, recontando a história do negro na África e no Brasil, desde a formação de grupos organizados há séculos, reivindicando educação para os negros por meio de manifestos, teatro, música e ação sistemática junto aos órgãos de ensino, não pode ser esquecida.

A aproximação das escolas com o Movimento Negro, que já possui uma larga experiência nesse trabalho de reconstrução e reposição do processo histórico-cultural dos afros descendentes na educação, possibilitou a inserção, nos currículos de muitas escolas brasileiras, da tradição cultural e histórica desse povo. E torna-se mais necessária agora, que o tema transversal Pluralidade Cultural seja introduzido nos currículos para professores que, em sua maioria, não receberam uma formação adequada para desenvolvê-lo.

O movimento negro tem estimulado a luta contra o racismo de tal forma que hoje mudanças podem ser percebidas não apenas no que se refere à legislação e à criação de instituições. As várias demandas e reivindicações fizeram com que o MEC incluísse o tema da Pluralidade Cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais, abrindo espaço para discussões nas escolas e com alunos dos vários níveis de ensino e a implantação da Lei 10639/03.

### 1.3. NEGROS FAMOSOS QUE SE DESTACARAM NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Falam-se muito na população negra e em preconceito, racismo e discriminação que ainda existe em relação a este povo, que lutou e continua lutando pela conquista de sua autonomia, de suas tradições e de seus valores. Essas lutas não são em vão, pois, os afros descendentes, apesar de tudo que já suportaram, podem se orgulhar das muitas conquistas que

já obtiveram e comemorar a vitórias de todos aqueles que conseguiram se destacar nas diversas áreas do conhecimento, como: política, esporte, literatura, engenharia, música, meio artístico, etc.

. Citaremos alguns nomes de negros famosos que fizeram e fazem sucesso em vários setores da sociedade. Começaremos pelo Esporte, falando de Edson Arantes do Nascimento (PELÉ), o mais famoso jogador de futebol de todos os tempos, considerado o rei do Futebol. Temos outros jogadores também famosos, como: Cafu, Canhoteiro, Coutinho, Leônidas da Silva, Ademir da Guia, Adriano, Garrincha, Amarildo, Richarlyson, Rivaldo, Robinho, Ronaldo, Ronaldinho, Vavá, Zizinho, Djalma Santos, Dodô, Dorval, Denílson, Dida, Didi.

No voleibol temos Anderson de Oliveira Rodrigues; lutadores - Anderson Silva e Zuluzinho; jogadores de basquetebol - Leandro Barbosa, Grafite, Jair da Rosa Pinto, Jairzinho, Kleber e Janeth Arcain; atletas - Adhemar Ferreira da Silva, Nelson Prudêncio, Jardel Gregório e João do Pulo; ginasta - Daiane dos Santos; lutador de taekwondo- Diogo Silva; jogadora de vôlei - Fátima; judoca - Ketleyn Quadros; mestres de capoeira - Mestre Bimba e Mestre Pastinha.

No campo da política, podemos enumerar algumas personalidades importantes que se destacaram nessa área:

Barack Obama - Presidente dos Estados Unidos; Nelson Mandela – Foi Presidente da África do Sul; Abdias do Nascimento, ex-senador do Rio de Janeiro; Ademir da Guia, ex-vereador de São Paulo; Agnaldo Timóteo, ex-deputado federal; André Rebouças , engenheiro e deputado geral no Império; Benedita da Silva, ex-governadora do Rio de Janeiro, ex-ministra da Ação Social; Celso Pitta, ex-prefeito de São Paulo (1997-2000); Gilberto Gil, ex-ministro da cultura; Luiza Helena de Barros, Ministra-Chefe na Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil, no Governo da presidente Dilma Rouseff; Joaquim Benedito Barbosa Gomes, ministro do Supremo Tribunal Federal, atualmente afastado do cargo.

Em relação à música, são vários os negros famosos que se destacaram em diversas vertentes:

Como cantores e compositores, citaremos apenas alguns: Gilberto Gil, Djavan, Milton Nascimento, Ed Motta, Tim Maia, Jorge Ben Jor, Marcelo Falcão, Mano Brown, Robson

Nascimento, Pixinguinha, Wilson Simonal, Jair Rodrigues, Luis Melodia, Neguinho da Beija-Flor, Alexandre Pires, Jackson do Pandeiro e mais tantos outros que colocam em suas músicas, a alegria, a emoção e os sentimentos em letras melodiosas, verdadeiras e questionadoras.

Não podemos deixar de falar das mulheres cantoras e compositoras de nosso Brasil: Elza Soares, Paulla Lima, Mara Nascimento, Margareth Menezes, Leci Brandão, Mariene de Castro, Alcione, Sandra de Sá e Vanessa da Mata, são apenas uma mostra do universo artístico feminino que impera nesse meio.

Contamos também com ótimos atores e atrizes negros que alegam as nossas noites representando personagens que mexem com nossas emoções e nos fazem rir, chorar, refletir, ficar preocupados, etc. Estes, são alguns desses astros das telenovelas: Aílton Graça, Milton Gonçalves, Lázaro Ramos, Darlan Cunha, Douglas Silva; Grande Otelo, Helio la Peña, Seu Jorge, Zezé Motta, Patrícia Dejesus, Ruth de Souza, Kenya Costa, Priscila Marinho, Sheron Menezes, Taís Araújo; Negra Li, Cynthia Mendes; Rafael Zulu, Dhu Moraes, Adriana Alves, Thalma de Freitas, Aida Leiner, Alexandre Moreno, Cacau Protásio, Chica Xavier, Cintia Rosa, Cosme dos Santos, Edyr de Castro, Cris Vianna, Elisa Lucinda, Camila Pitanga, Tony Tornado e, inúmeros outros atores e atrizes afros descendentes que fazem sucesso na televisão, no cinema e no teatro desse imenso Brasil.

Na literatura, temos grandes personalidades que se destacaram nesta área, como o poeta e escritor Machado de Assis, considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos, Rui Barbosa, Lima Barreto, Cruz e Sousa – poeta; Aluísio de Azevedo, Basílio da Gama, Luís Gama, Bernardo Guimarães, Lino Guedes, Solano Trindade, Joaquim Nabuco e outros, como W. E. B. Du Bois - doutor em filosofia, historiador, secretário do primeiro congresso pan-africano, assumindo o cargo de presidente logo em seguida. Considerado o pai do africanismo e da negritude. Langston Hughes – escritor de “Eu também sou América” e representante do movimento denominado renascimento negro. René Maran - romancista e escritor de “Batouala”. Dr. Price – etnógrafo, professor, diplomata e escritor do livro “assim falou o tio” Foi presidente da associação Africana de Cultura e grande pensador do mundo negro.

Na engenharia há nomes de grande destaque como: Professor Sergio Sampaio; Professor Doutor Felix Bernardes, muito influente na área do planejamento de transporte;

Mestre Valentim, Theodoro Sampaio, André Rebouças, Antonio Rebouças, Manoel Quirino e outros.

Assim, vemos a quantidade de afrodescendentes que se destacaram fazendo sucesso e brilham no mundo artístico.

## CAPÍTULO II

### 2. RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE PRECONCEITO VIVENCIADA PELA AUTORA DA MONOGRAFIA NA SALA DE 9º ANO.

No início desse ano letivo, 03 alunos negros do 9º ano manhã, da Escola de Ensino Fundamental Maria Augusta Russo dos Santos, na cidade de Redenção-Ce, começaram a sofrer preconceito por parte de 05 colegas que faziam brincadeiras de mau gosto, diziam piadinhas e procuravam ridicularizá-los perante os outros, chamando-os de “negro fedorento”, “negro feio” e evitavam sentar perto deles. Os outros colegas ficavam neutros, para não se desentender com os preconceituosos. Perante essa situação, estava claro que aquilo era uma típica cena de preconceito contra os três alunos negros.

Diante dessa situação de preconceito a autora desse trabalho procurou uma forma de resolver o problema detectado na turma citada, na escola em que leciona, da seguinte maneira: Como primeiro passo criou-se um debate sobre o tema afro descendência, onde foi explicado que a palavra era originada da mistura do negro + branco + índio. Portanto, o Brasil é um país cuja população em sua maioria, é resultado dessa miscigenação.

A professora da sala, (no caso eu) também se identificou como sendo uma afro descendente, pois, apesar de ter a pele clara, havia pessoas em sua família com pele escura, mostrando que isso era sinal de que seus descendentes eram negros e que em suas veias corriam também sangue negro. Em seguida, pediu-se que cada um falasse sobre o assunto e a maioria não aceitaram a ideia de ser negro por seus descendentes serem também negros. Na visão deles, negro é quem tem a pele escura e pronto.

Na realidade, não é de se estranhar que eles tenham esse posicionamento, pois, até bem pouco tempo o que sabíamos era que o que definia o negro era a cor da pele escura. Não se levava em consideração o fato da miscigenação das 3 raças, nem tão pouco tinha-se conhecimento da herança biológica herdada pelos antepassados. Eles discordaram dessa afirmativa dizendo que não tinha nada a ver alguém ter um avô negro e por conta disso, ser considerado negro também, mesmo tendo a pele clara.

O engraçado foi um determinado aluno dizer que nasceu com a pele branca, mas, à medida que o tempo ia passando, ele começou a fazer mandados para os seus familiares e andar muito no sol ficando com a pele escura. Na verdade, essa foi a desculpa que ele arranjou para não se aceitar como negro. Outra aluna disse que não tinha nada contra o negro, mas não namoraria um. Ao indagar se isso era uma prova de racismo ela respondeu que não se considerava racista, mas, se reservava o direito de ter as suas preferências.

Depois de ouvir o que cada um pensava sobre afro descendência, comecei uma palestra sobre a questão de semelhanças e diferenças entre os componentes da classe criando situações que despertaram o interesse, explorando perguntas tais como “Quem sou?” e “Como sou?”. Para começar, falei o meu endereço, idade, filiação e apresentei as minhas características físicas, gostos e preferências. Depois, pedi que cada um fizesse o mesmo.

Essas duas perguntas fizeram com que eles refletissem e se analisassem como pessoa observando suas características físicas, suas preferências sobre vários aspectos e como se viam perante os outros. Observei suas reações, fiz anotações e esperei até que todos se apresentassem compartilhando as minhas observações e sugerindo novas colocações sobre o assunto.

Durante duas semanas trabalhei o tema em pauta e dei oportunidade para que todos opinassem, exercitando com eles a habilidade de falar para um grupo e de ouvir os outros, pois, observei que todos queriam falar ao mesmo tempo. Também chamei a atenção para o fato de todos terem a mesma nacionalidade e mostrei a diferença entre descendência e procedência.

Em seguida pedi que falassem como viam o seu parceiro e descrevessem como viam a professora. Depois abri espaço para serem comentadas as respostas individualmente. Dessa forma puderam ver que todos podiam respeitar as diferenças e conviver de forma harmoniosa no mesmo espaço escolar, sem brincadeiras de mau gosto, nem rivalidades ou discriminação.

Essa atividade foi muito importante para aproximar os alunos e para a troca de experiências, pois, dessa forma, puderam sentir que as diferenças e semelhanças são necessárias para que se perceba que as pessoas não são iguais, e que a cor da pele não é motivo para separá-las e determinar o grau de inteligência, sua dignidade, seu caráter e posicionamento em frente à sociedade. Também não é empecilho para conviverem pacificamente no mesmo ambiente escolar.

Atualmente, não existem mais essas situações de rejeição em relação aos 03 colegas, mas foram muitas as palestras, argumentos e reflexões sobre a cultura negra e afro descendência, para que se estabelecessem um elo de conscientização e os alunos que tiveram as atitudes degradantes vissem o tanto que a falta de informação prejudica as pessoas, pois preconceito é justamente tratar mal os outros sem se incomodar com o tamanho do sofrimento que está causando.

## 2.1. ATIVIDADE DE INTEGRAÇÃO ENTRE REDENCIONISTAS E AFRICANOS

Aqui abro espaço para falar de um projeto de imensa utilidade denominado “As cores de Redenção”. Este projeto foi elaborado com o intuito de preparar os docentes, discentes e comunidade para receber os alunos africanos que estavam chegando para estudar na UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, na cidade de Redenção - Ce, portanto, era dever de todos, principalmente dos educadores, trabalharem na desconstrução do preconceito.

Durante os quatro anos de Curso Universitário estudamos sobre preconceito racial. A elaboração do projeto “As cores de Redenção”, objetivou fundamentar os conhecimentos sobre a temática e preparar os professores para trabalhar em sala de aula com o propósito de desconstruir o preconceito e conscientizar os alunos da chegada dos africanos e da importância de conhecer a sua história, bem como informar sobre a influência dessa cultura na construção da nossa história.

Com a chegada da UNILAB, todas as escolas municipais redencionista se preocuparam em preparar os alunos para receber os estudantes que vinham da África, fazendo palestras de conscientização sobre preconceito racial e sobre sua cultura, como forma de conhecerem melhor o seu modo de vida e compreenderem as suas lutas histórias e conquistas, pois a melhor forma de combater o preconceito é através da informação.

Para que os alunos se inteirasse melhor sobre a chegada desses estudantes, todas as escolas municipais convidaram alunos dos 06 países (Timor leste, Moçambique, São Tomé e príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola), para fazer um intercâmbio cultural, falando um pouco sobre sua capital, religião, a língua oficial, nacionalidade, etc. A escola na qual leciono reuniu os alunos do ensino fundamental e os estimulou a conversarem com os 06

africanos. A partir do momento que eles foram perdendo a timidez, as perguntas foram surgindo e havendo integração entre redencionistas e africanos.

Vale ressaltar que as perguntas foram elaboradas antecipadamente com a orientação das professoras da referida escola, com o intuito de aprofundar o estudo sobre o país de cada visitante, já explorado em sala de aula. Durante o bate-papo com os palestrantes, os nossos alunos ficaram impressionados pelo fato deles falarem 05 línguas (inglês, português, francês, espanhol e crioulo) e serem desinibidos, ficando à vontade na sala de aula e à disposição para responderem as perguntas e esclarecer dúvidas.

Empolgados com a surpresa dos universitários serem políglotas, pediram para eles falarem alguma frase em seu idioma, dissessem que nacionalidade era, escrevessem e traduzissem para eles, no que foram atendidos prontamente. Depois pediram que eles falassem algo sobre o idioma oficial de seu país, capital, nacionalidade e religião. A partir daí foi uma verdadeira aula explicativa, iniciando com a fala do Moçambicano dizendo que seu país tinha como capital a cidade de Maputo e esta é também a cidade mais populosa. O nome de sua moeda é novo metical e o clima é úmido e tropical.

Falando sobre religião, mencionou que o cristianismo lidera no país, acompanhado pelo islamismo. Sua nacionalidade é moçambicana e o idioma oficial é o português, mas, também há o crioulo e dialetos regionais. Sua independência ocorreu em 25 de Junho de 1975.

O estudante de Timor leste – falou que a capital é Dili e é a cidade mais populosa. A nacionalidade é timorense (ou maubere). O idioma é o português e o tétum. A religião se divide da seguinte maneira: 90% da população é católica, (4%) são adeptos do islamismo, (3%) do protestantismo, (0,5%), pertencem ao hinduísmo, além do budismo e do animismo com (2,5%). Sua moeda é o Dólar americano e o clima é o equatorial, quente e úmido.

O palestrante de Cabo Verde, falou com orgulho de seu país, dizendo que sua nacionalidade é Cabo-verdiana; Praia é a sua capital e sua moeda é o Escudo cabo-verdiano; seu clima é o árido. O idioma oficial é o português, mas, falam também o crioulo. A religião predominante é a católica, onde quase 98% da população são adeptos do catolicismo..

Na vez do universitário de São Tomé e príncipe, começou falando da capital do país que é São Tomé. A cidade mais populosa é Água Grande. A língua oficial de lá também é o português. A nacionalidade é São-tomense. Sua independência de Portugal aconteceu em 12

de julho de 1975. Em relação à religião, os católicos predominam com 70%, os evangélicos representam uma pequena parcela de 3%, outras religiões cristãs com 4%, outras não cristãs com 3% e não religiosos com 19%. Seu clima é equatorial, quente e úmido e Dobra é a sua moeda.

Para falar de Guiné-Bissau, o visitante começou pela língua oficial que é a portuguesa, mas, fala-se também o crioulo Guineense e os dialetos regionais. Sua capital é Bissau e também a cidade mais importante do país, onde encontra-se o porto e o aeroporto internacional. A data da sua independência de Portugal foi declarada em 24 de setembro de 1973, mas, só foi reconhecida em 19 de setembro de 1994, quase um ano depois. A religião é composta de cerca de 54% de crenças tradicionais, 38% de islamismo e 8% cristianismo. Seu clima é tropical e o nome de sua moeda é Franco.

No momento de falar sobre Angola o palestrante falou que sua capital é Luanda que é também a cidade mais populosa e que a Língua oficial também é o português. Sua Moeda é Kwanza e seu clima é o tropical. A nacionalidade é Angolana ou angolense. A religião se divide em cristianismo com (94,3%), crenças tradicionais, com (4,7%) e sem religião e ateísmo, com (1%). Sua independência de Portugal ocorreu em 11 de novembro 1975. Quando o último palestrante finalizou a sua explanação, vimos como os nossos alunos ficaram impressionados com as habilidades e segurança com que cada um repassou os dados de seu país. Eles também trocaram informações sobre a cidade de Redenção, dizendo que a mesma é um município brasileiro do estado do Ceará e que foi a primeira cidade brasileira a libertar todos os seus escravos. Redenção é uma Microrregião de Baturité e dista 55 km da cidade de Fortaleza. Seu aniversário é dia 28 de dezembro e sua fundação foi em 1868. Os municípios que se limitam com a cidade são: Acarape, Barreira, Guaiúba, Aracoiaba, Baturité e Palmácia. Seu clima é tropical quente subúmido.

Redenção é uma cidade calma e agradável. Possui um Museu, bastante visitado pelos turistas, uma senzala na sede e outra na Serra do Gurguri, Igrejas, praças, 2 cachoeiras, a escadaria de Nossa Senhora das Graças, com 720 degraus, que é outra atração turística.

Essa atividade de integração foi de suma importância para a socialização e ampliar os conhecimentos dos dois lados, pois dessa forma, tanto os africanos quanto os alunos redencionistas estabeleceram contatos e fundamentaram as noções essenciais sobre suas cidades.

Ao finalizar essa atividade agradeceram a presença dos universitários e constataram que, por serem de cores diferentes das suas, isso não os impediam de serem pessoas inteligentes, esforçadas e capazes de exercer qualquer tipo de tarefa e que, era injusto sofrerem preconceito por diferirem na cor da pele.

Dessa forma, foram percebendo que não é a cor que faz de um indivíduo ser cidadão ou não; e sim, suas atitudes, seu posicionamento diante da vida, sua força de vontade e sua capacidade de lutar pelo que querem. Assim, observando o jeito descontraído e ao mesmo tempo responsável dos visitantes, começaram a perceber as qualidades dos afros descendentes, e passaram a respeitá-los e admirá-los.

## 2.2. DIFERENCIANDO A CULTURA BRASILEIRA DA CULTURA AFRICANA

Quando nos referimos à África nos damos conta de que pouco sabemos de seu presente e menos ainda conhecemos sobre o seu passado. O que vem em nosso pensamento é o de um país pobre que é visto ainda hoje de uma forma discriminatória, e que muitos pensam que lá só existem animais selvagens, mulheres com cangas coloridas, fome e escassez de água. Diante dessa percepção, resolvi fazer uma atividade com gravuras que representassem o Brasil e a África. Essas gravuras mostravam belas cidades e outras mostravam favelas, pobreza, violência e fome.

Ao mostrar a gravura de lindas cidades e pedir para que eles identificassem a qual país pertenciam, automaticamente diziam que era ao Brasil; e quando mostrava a outra representando pobreza, favela e fome; diziam que era da África. Após discutir sobre a cultura dos dois países e mostrar a pluralidade cultural de ambos, foram tendo noção de quanta riqueza possuía o continente africano e que o Brasil era um país de inúmeras belezas, com uma cultura plural; mas, que a África não deixava nada a desejar.

Essa atividade foi bastante enriquecedora, pois, à proporção que as gravuras iam sendo visualizadas, as perguntas vinham à tona, acontecendo assim, a assimilação dos valores brasileiros e africanos.

Ao mesmo tempo em que diferenciavam uma cultura da outra, examinavam que a África é um continente com uma vasta cultura, muitas riquezas minerais e uma rica tradição da qual sabíamos pouca coisa, mas, que nos deixou um importante legado cultural, influenciando nas danças, na música, na religiosidade, nas manifestações culturais e artísticas, na ciência e tecnologia, na engenharia, nos modos de construir, na arquitetura, na estética, na culinária e na nossa brasilidade.

Também realizamos uma feira cultural envolvendo toda a escola onde foi trabalhada a temática sobre a cultura afro-brasileira, mostrando as comidas típicas, as danças, as músicas, a religiosidade, a bandeira, o mapa, a moeda, a língua oficial, a forma de governo, os afrodescendentes importantes de cada país, etc. As tarefas foram divididas nas salas do 6º, 7º, 8º e 9º anos. Cada turma se preocupou em preparar e executar suas atividades com dedicação para disputar com a sala vizinha na esperança de se superar e ganhar uma maior pontuação.

Dessa forma, com a culminância do projeto sobre a cultura afro-brasileira, notou-se que a participação, dedicação, pesquisa de campo e criatividade, estiveram presentes durante todo o evento, fazendo deste, um momento de socialização, troca de experiências e aprendizagem.

## **2.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA ESCOLA**

A escola tem uma grande responsabilidade no tocante a aprendizagem do aluno e de sua formação nos aspectos cognitivo, físico, pessoal, social e afetivo, preparando-os para o exercício de cidadania, do trabalho e ao longo da vida

Dessa forma, a escola tem um papel primordial de promover e desenvolver a aprendizagem dos discentes nas diferentes dimensões do conhecimento; mas, para que isso aconteça, ela necessita de um ator principal: o professor ou educador. Esse tem a tarefa de fazer a mediação entre os conhecimentos e o educando, além de propiciar, instigar e provocar o desenvolvimento do aluno.

Na prática pedagógica do cotidiano dentro da abordagem do tema preconceito e racismo deve-se também ressaltar que é dever de todos combaterem todo e qualquer tipo de preconceito, seja ele baseado em diferenças de cultura, raça, classe social, nacionalidade, idade, entre outras tantas.

Nesse aspecto o papel do professor é reforçar que todos devem respeitar as diferenças para que a discriminação ou racismo não estejam presentes em nossa escola, ou na nossa comunidade. O trabalho a ser desenvolvido deve então contribuir para que os alunos tomem posição e passem a cobrar de todos, uma atitude firme contra os preconceitos e a favor do respeito às diferenças.

A contribuição da escola na construção da identidade negra passa pelo projeto pedagógico e por ações inclusivas que possibilitem a esses alunos serem protagonistas de sua própria história e de seu desempenho social, por meio de conteúdos e práticas pedagógicas de valorização de suas identidades.

Apesar de saber que o racismo existe no cotidiano escolar, ele não pode ser posto de lado, à espera de uma solução. É imprescindível identificá-lo e combatê-lo. É papel do professor e de todos que fazem parte do núcleo gestor, incluindo os pais e sociedade, dizer não às atitudes negativas e juntos, trabalharem para promover o respeito mútuo e a possibilidade de se falar sobre as diferenças sem medo, sem receio e sem racismo.

## CAPÍTULO III

### 3. A UNILAB E A TOMADA DE CONSCÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ÁFRICA NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA BRASILEIRA

Até bem pouco tempo não tínhamos conhecimento a respeito da história da África e de sua importância na formação do povo brasileiro. Os livros adotados nas escolas não davam muita importância a esse assunto e o que vinha ocorrendo sobre esse país era minúsculo. Na realidade, quando aparecia algo, era falando sobre os negros que vieram de lá, feitos escravos para fazerem trabalhos braçais. Assim, o que se via e ouvia eram coisas negativas a respeito dos habitantes africanos como se eles fossem desprovidos de qualidades.

Dessa forma, a literatura existente que chegava às escolas, falando de África era pobre de conteúdos, pincelando apenas os dados informativos sobre o país sem se preocupar em falar sobre os seus habitantes, suas qualidades, sua cultura e suas tradições. Assim, o que se aprendia era que os negros vieram trabalhar em diversos tipos de atividades em que utilizavam a força e que a África era um país de negros; pelo menos essa era a ideia que se tinha das gravuras que víamos nos livros didáticos como forma de impingir a servidão dos escravos de uma forma natural.

Quando passamos a frequentar a faculdade é que aprendemos a descortinar a realidade sobre muitos conteúdos que assimilamos de forma errada ou alienada. A história da África é um desses assuntos que não foi trabalhado nas escolas em decorrência de carência de material e por falta de professores que fossem habilitados para lecionar sobre o tema.

Com a chegada da UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, os alunos tiveram um ganho valioso, tanto os redencionistas quanto os que vieram do continente africano, pois através dessa universidade federal, de âmbito internacional, foram abertos os horizontes de nosso entendimento sobre os mais diversos assuntos. Foi, dessa forma, que estudei durante quatro anos sobre Culturas e História Afro-Brasileira, Indígena e Africana e atualmente tenho outra visão sobre esse continente, suas riquezas, tradições, belezas e seu jeito descontraído de viver e de lutar por seus ideais.

Neste curso, tive a oportunidade de me apropriar de uma rica literatura sobre essa temática que se apresentava de uma forma quase inexistente. É incrível que um continente como a África considerada o berço das civilizações, tenha ficado por tanto tempo na invisibilidade.

Para corrigir este erro foi criada e implantada a Lei 10.639, promulgada ainda no início do primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva, no ano de 2003. Foi através da concepção dessa lei que começou a preocupação em capacitar professores e confeccionar material adequado para trabalhar o assunto e houve interesse da universidade em criar vagas para professores e pesquisadores em História da África e Literaturas Africanas e aumentou o empenho de outros departamentos para o desenvolvimento da temática africana.

É fundamental, que nas escolas de todo o país haja uma mudança de postura no trato pedagógico com a História e a Cultura Afro Brasileira e Africana, a fim de que a igualdade e o respeito tão almejados cheguem ao cotidiano escolar rompendo com práticas discriminatórias e preconceituosas.

Na UNILAB, estudei várias disciplinas que abordaram conteúdos relacionados com Culturas e História Afro-Brasileira, Indígena e Africana. Também tive contato com uma literatura atualizada sobre a temática e estudei vários conteúdos interessantes como: Pan Africanismo, Renascimento Negro e Negritude; Candomblé – a panela do segredo; Imagens de índios e negros na Literatura Brasileira; Imagens de índios e negros na Literatura Brasil – colônia; os mundos que o europeu encontrou e tantos outros assuntos que fugiam ao meu entendimento.

Esses assuntos deram-me fundamentação teórica para que eu trabalhasse em minhas salas de aulas, dando-me ideias interessantes como trabalhar a religiosidade dos povos africanos. Fiz uma atividade sobre as divindades do candomblé associando com os santos católicos. Também contei para eles a história de Iemanjá que é negra, mas, para enganar os seus senhores, os negros ao sentirem a sua aproximação trocavam a estátua dela pela de uma santa alva e bonita. Dessa forma, todos pensam até hoje que Iemanjá é branca.

Essa atividade foi bem aceita por todos que se engajaram em pesquisar sobre a temática e apresentarem um bom trabalho. Assim, posso dizer, que a UNILAB veio para proporcionar

uma formação de qualidade para todos aqueles que pretendem evoluir e se especializar em determinada área do conhecimento.

### **3.1 OS EDUCADORES REDENCIONISTAS NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.**

Como já foi mencionado, a forma de combater as ações negativas contra os afros descendentes é o esclarecimento, o debate, a conscientização de seus valores. Para trabalhar esses tópicos aplicou-se um questionário para os alunos do 9º ano A, da Escola de Ensino Fundamental Maria Augusta Russo dos Santos, onde no início do ano aconteceu uma situação de preconceito contra 03 alunos negros. Também foi elaborado outro questionário para os professores para saber seu posicionamento sobre o tema. O objetivo destes dois questionários foi possibilitar uma reflexão mais ampla sobre o verdadeiro exercício de cidadania, permitindo a interação de todos os envolvidos no contexto escolar para a desconstrução do racismo, preconceito e discriminação.

A escola é de pequeno porte, pertence à Secretaria de Educação do Município de Redenção, no bairro Centro Comunitário, Rua Santos Dumont, s/n, no município de Redenção-Ce. Foi fundada no dia 25 de Março de 2007. Possui 08 salas de aulas, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite, com 16 turmas e 12 professores, com o número de aproximadamente 700 alunos. Funcionam de 6º a 9º ano, quatro salas de Educação EJA; dois de nível III e dois de nível IV e quatro salas de Educação especial.

As dependências administrativas e de apoio pedagógico estão assim distribuídas: sala de direção, secretaria, cozinha, auditório, sala de multimeios, sala de informática, 4 salas equipadas para educação especial, refeitório, área coberta e área livre. Por ser uma escola nova tem um ótimo estado de conservação

O procedimento deste estudo foi realizado através de revisão bibliográfica e pesquisa de campo, no qual se obteve uma abordagem qualitativa, com ênfase etnográfica, onde, a partir de uma entrevista direcionada observou-se informações acerca da temática pesquisada. Aplicou-se um questionário de 10 questões para a turma de 9º ano A, com uma amostra de 16 alunos com idades entre 13 a 16 anos.

Ao serem questionados se gostavam de estudar na escola e por que, todos foram unânimes em dizer que sim, pois os professores são bastante preparados, ensinam muito bem e eles têm um bom ciclo de amizades.

Ao serem indagados sobre discriminação racial disseram que é quando as pessoas negras sofrem preconceito sendo chamados de palavrões, deixando os negros tristes e revoltados; também falaram que é quando as pessoas brancas querem ser melhores que as negras; as respostas foram muito parecidas.

Quando foram perguntados sobre como se reconheciam em relação à sua etnia, 4 se reconheceram negros, 6 se reconheceram brancos, 4 se reconheceram índio e 2 se reconheceram outros (morenos).

Ao serem interpelados se já sofreram discriminação na sala de aula e como o professor reagiu, 13 alunos responderam que não haviam sofrido nenhuma discriminação, enquanto 3 alunos responderam que haviam sofrido no início do ano letivo, fazendo-os sentirem-se tristes e magoados com a atitude de descaso e brincadeiras de mau gosto de alguns colegas.

Diante de tais atitudes a professora tratou de criar situações em que despertaram o interesse dos alunos para a questão de semelhanças e diferenças entre os componentes da classe e durante 2 semanas trabalhou com o propósito de acabar com este tipo de comportamento inaceitável. Atualmente não existe mais preconceito, racismo ou discriminação na sala de aula e o ambiente escolar passou a ser um lugar agradável e prazeroso de aprendizagem.

Quando interrogados se o professor trabalha a temática sobre “identidade negra” em sala de aula, eles responderam que trabalham sempre, valorizando o respeito às diferenças, a dignidade e o amor ao próximo.

Ao serem perguntados como as pessoas os viam em relação à sua etnia, 7 disseram que os viam como negros, 5 disseram que as pessoas os viam como brancos, 1 falou que as pessoas o viam como índio e 1 respondeu que o viam como outros (moreno).

Para elaborar o questionário dos professores contei com a ajuda de uma colega das mesmas disciplinas que leciono e juntas elaboramos as perguntas que satisfizeram a minha curiosidade. Cada questão foi composta de 04 tópicos, mas, aqui citarei apenas a resposta mencionada por eles para cada alternativa.

1) Ao serem questionados sobre quando a temática envolvendo a história do negro é abordada na escola, eles responderam que ela é utilizada em forma de conteúdo, dentro das áreas que possibilitam tratar o assunto e em projetos elaborados pela escola.

2) Quando foram interrogados como as questões que envolvem o racismo devem ser tratadas, eles responderam que tratam no contexto pedagógico pela escola e de acordo com casos que por ventura se evidencie na escola.

3) Ao serem abordados quanto ao estabelecimento do currículo, responderam que é baseado em metodologia que ressalta de forma positiva a diversidade racial, onde apresenta aos alunos a cultura indígena e negra;

4) Quando arguidos em relação à escola, falaram que ela avalia e reavalia constantemente a prática da escola e reflete sobre os valores e conceitos apresentados em relação ao negro e sua cultura para conscientizar os alunos da importância, além de ter procurado investir em sua formação para melhor tratar as questões raciais.

5) Ao serem questionados quanto às diversidades entre grupos etnoculturais, responderam que é importante promover reflexões a respeito das relações entre os grupos etnoculturais e assim estabelecer a socialização harmoniosa entre ambas; disseram ainda, que não podemos ignorar as difíceis questões do multiculturalismo, das diferenças de raça, gênero, etnia, sexuais, religiosas, de linguagem, de região e da ética.

6) Quando perguntados sobre o que é necessário para a escola fortalecer o relacionamento harmonioso, a aceitação da diversidade étnica e o respeito às diferenças, responderam que é preciso dar maior ênfase ao conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras e proporcionar momentos de reflexão a cerca do assunto.

7) Ao serem interpelados em relação à expressão verbal, falaram que, com certeza a linguagem usada no dia a dia da escola pode influenciar nas questões relacionadas ao racismo e a discriminação e que é preciso não dar atenção a linguagem de pessoas preconceituosas.

8) Quando foram perguntados sobre o acervo da biblioteca, responderam que tem uma variedade suficiente de livros que tratam da questão racial; já que este é um tema bastante trabalhado hoje nas escolas brasileiras, principalmente na escola onde a autora deste leciona e

onde há 08 professores que fizeram Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em nível de Especialização em Culturas e História Afro-Brasileira, Indígena e Africana.

9) Ao serem questionados quanto à capacitação dos professores em relação à questão racial, disseram que sempre que é possível fazem cursos ou grupos de estudo sobre o tema e que incorporam o assunto nos encontros de estudo e principalmente nos encontros pedagógicos e momentos das formações da equipe. Do quadro docente, quatro Professores fizeram uma formação “As cores de Redenção”, onde obtiveram fundamentação teórica suficiente para compartilhar com os colegas e juntos, trabalharem esses temas em sala de aula.

10) Ao serem interrogados de como se comportariam diante de uma situação de discriminação, falaram que é importante deixar claro que todos são diferentes uns dos outros e que devem conviver e respeitar as diferenças, além de agir de forma enérgica, punindo de maneira severa quem ofender o outro por conta de ser diferente (cor/raça).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito está presente em uma grande parcela da sociedade brasileira, e, na cidade de Redenção, não é diferente; inclusive no ambiente educativo. Tais manifestações geram humilhações que resultam muitas vezes em indivíduos tímidos, inseguros e inferiores aos demais. As consequências dessas ações preconceituosas podem ser diversas e devem ser evitadas pelos profissionais da área Educacional, por esses serem de fundamental importância na intervenção das atitudes discriminatórias na escola.

Levando em consideração o papel da escola e do professor no processo de construção do conhecimento do aluno, é importante que todos estejam atentos para estes tipos de problemas corriqueiros, já mencionados, que por vezes aparecem de forma sutil, não aconteçam no espaço das salas de aula. E que a partir disso, todos – professores, alunos, funcionários – possam reformular os conceitos e atitudes direcionados às crianças negras.

Racismo e ignorância caminham sempre de mãos dadas. Os estereótipos e as ideias pré-concebidas se fortalecem se está ausente a informação, se falta o diálogo aberto, arejado, transparente. Não há preconceito racial que resista à luz do conhecimento e do estudo objetivo. Neste, como em tantos outros assuntos, o saber é o melhor remédio.

Com isto, acreditamos que quando a educação favorece um discurso e uma prática articulada com a identidade do aluno, contribui, de forma significativa, com a construção e valorização desta identidade e com a ampliação do universo cultural e social que se efetiva numa auto realização do exercício da cidadania e de inclusão social.

O ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira possibilitará a valorização do negro e de sua imensa contribuição para a formação e construção desta Nação, pois os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir.

O esforço a ser desenvolvido, a partir desta proposta, deve ultrapassar as fronteiras das salas de aula dos 9º anos, da Escola de Ensino Fundamental Maria Augusta Russo dos Santos, na cidade de Redenção-Ce, estender-se por sobre a escola e atingir a comunidade em torno dela, permitindo a todos os envolvidos novos comportamentos compatíveis com a conquista da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática.

Acreditamos na possibilidade de transformação desta realidade, a partir dos espaços alcançados pela população negra através da educação, do processo de humanização das pessoas e do orgulho de sua identidade e pertencimento a população negra, entre outros, para que se efetive o processo de inclusão social com políticas públicas e gestão escolar voltada para este fim.

## REFERÊNCIAS

BORTOLOZZO, A. R. S. **Banco de dados para o uso das TICS na prática pedagógica de professores de alunos com necessidades especiais**. Dissertação (Mestrado) – PUC: Curitiba, 2008.

**BRASIL**, Lei nº10639 de 9 de janeiro de 2003. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC/SECAD. 2005.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Africanidade, Afro descendência e Educação**. Revista Educação em Debate, Fortaleza, Ano 23, v. 2, número 42, 2005, pp. 5- 15.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente: Identidade em Construção**. Rio de Janeiro: Palas; São Paulo: EDUC, 2000.

GOMES, Flavio dos Santos. Quilombos IN: PINSKY, Jaime & Pinsky, Carla Bassanezi. **História da Cidadania** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 9ª. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 2005.

RIBEIRO, Darcy. O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **A identidade da Criança Negra e a Educação Escolar**. Palestra proferida durante o seminário “Cultura e Discriminação Negra na Escola”. Rio Grande do Norte, 1998.

---

E MONTEIRO, Hilda. Combate ao racismo e construção de identidades. In: ABRAMOWIXZ, A. E MELLO, R.R. **Educação: Pesquisa e práticas**. Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. Formação da identidade e Socialização no Limoeiro. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, n. 63, nov/1987, p. 141-147.

SOUZA, Mônica Lima e. “**A África na sala de aula**”, in Nossa História n° 4. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004, pp. 84-87.

TAYLOR, Charles. **Referencias Filosóficas para abordar o Multiculturalismo: A contribuição de Charles Taylor**. Interpretação de Taylor, Charles. Multiculturalismo and “the politics of Recognition”, Princcton, Princcton University, 1992.

[almanaque.blogspot.com.br/2010/02/atores-negros-brasileiros.html](http://almanaque.blogspot.com.br/2010/02/atores-negros-brasileiros.html)

<http://www.listal.com/list/talented-black-actors-brazil>

# ANEXOS

## ANEXO 01

## QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO

1– Que série você cursa?

2 – Qual sua idade?

2 – Há quanto tempo você estuda nesta escola?

3 – Você gosta de estudar nesta escola?

Sim  Não

Por quê?

4 – O que você entende por discriminação racial?

5 – Quanto a sua etnia, como você se reconhece?

Negro  Branco  Índio  Outros

7 – Já sofreu preconceito racial na sala de aula?

Sim  Não

Em caso afirmativo, relate.

8 - Se já sofreu preconceito racial em sala de aula, como agiu o professor?

Ignorou o fato ocorrido

Dialogou com a turma sobre o episódio.

Expulsou da sala o agressor.

Não

9 – Seu professor trabalha a temática sobre “identidade negra” em sala de aula?

Sim  Não  Às vezes

10 – Como você acha que as pessoas lhe reconhecem, quanto a sua etnia? (Raça).

Negro  Branco  Índio

Por quê?

## ANEXO 02

### QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Marque a alternativa que corresponde à realidade do seu ambiente escolar:

1. A temática envolvendo a história do negro é abordada na escola:

- (A) Nas datas comemorativas como: Abolição da Escravatura, em agosto, mês do Folclore, e no dia da Consciência negra.
- (B) Em forma de conteúdo, dentro das áreas que possibilitam tratar o assunto;
- (C) Em projetos elaborados pela escola.
- (D) Não é estudada.

2. Questões que envolvem o racismo devem ser tratadas:

- (A) No contexto Pedagógico pela escola.
- (B) Pelos movimentos ligados a questão social.
- (C) De acordo com casos que por ventura se evidencie na escola.
- (D) Como se não houvesse, para evitar muitos problemas entre docentes e discentes.

3. Quanto ao estabelecimento do currículo:

- (A) Tem como base as contribuições dos europeus e de acordo com os livros didáticos;
- (B) É baseado em metodologia que ressalta de forma positiva a diversidade racial;
- (C) Apresenta aos alunos a cultura indígena e negra;
- (D) Ignora a realidade plural e apresenta um caráter monocultural.

4. Em relação à escola:

- (A) Age de forma neutra no que se refere às questões sociais, deixando que os professores trabalhem de acordo com os conteúdos das áreas.
- (B) Avalia e reavalia constantemente a prática da escola e reflete sobre os valores e conceitos apresentados em relação ao negro e sua cultura para conscientizar os alunos da importância.
- (C) Tem pouco conhecimento para posicionar-se de forma crítica no que se refere à cultura negra.
- (D) Tem procurado investir em sua formação para melhor tratar as questões raciais.

5. Quanto às diversidades entre grupos etnoculturais:

- (A) Não são tratados, pois pode gerar conflitos.
- (B) É importante promover reflexões a respeito das relações entre os grupos etnoculturais e assim estabelecer a socialização harmoniosa entre ambas.
- (C) São manifestadas como parte da diversidade cultural brasileira.
- (D) Não podemos ignorar as difíceis questões do multiculturalismo, das diferenças de raça, gênero, etnia, sexuais, religiosas, de linguagem, de região e da ética.

6. Para à escola fortalecer o relacionamento harmonioso, a aceitação da diversidade étnica e o respeito às diferenças deve:

- (A) Pregar que todos devem se orgulhar de pertencer a uma determinada raça.
- (B) Não dar devida atenção para as visões estereotipadas em relação ao negro presente nos livros didáticos, nas produções e em outros textos do material didático existente.
- (C) Dar maior ênfase ao conhecimento sobre as heranças culturais brasileiras.
- (D) Proporcionar momentos de reflexão a cerca do assunto.

7. Em relação à expressão verbal:

- (A) A linguagem não tem o poder de influenciar diretamente nas questões raciais.
- (B) Às vezes é melhor usar o eufemismo para referirem-se as etnias dos alunos e dessa forma não ofendê-los diretamente.
- (C) Com certeza a linguagem usada no dia a dia da escola pode influenciar nas questões relacionadas ao racismo e a discriminação.
- (D) É preciso não dar atenção a linguagem de pessoas preconceituosas.

8. Quanto ao acervo da biblioteca:

- (A) Tem uma variedade suficiente de livros que tratam da questão racial;
- (B) Não verificamos se há livros que tratam da temática.
- (C) Temos alguns poucos livros que se referem à questão racial.
- (D) Não temos livros que tratem sobre a temática;

9. Quanto à capacitação dos professores em relação à questão racial:

- (A) Sempre que possível fazem cursos ou grupos de estudo sobre a questão racial.
- (B) Ainda não realizaram estudo sobre o assunto.
- (C) Incorporamos o assunto nos encontros de estudo e principalmente nos encontros pedagógicos e momentos das formações da equipe.
- (D) É necessário fazer um estudo mais aprofundado sobre o assunto e depois realizar com a equipe.

10. Diante de uma situação de discriminação deve-se:

- (A) Não fazer nenhum comentário para evitar possíveis transtornos.
- (B) Reagir de maneira harmônica, para contornar a situação, dizendo que nem sempre as pessoas querem ofender os outros, por isso podemos pedir desculpas a quem foi ofendido.
- (C) Deixar claro que todos são diferentes uns dos outros e devemos conviver e respeitar as diferenças.
- (D) Agir de forma energética, punindo de forma severa quem ofender o outro por conta de ser diferente (cor/raça).